

GEORGES SIMENON

Inferno a bordo

Tradução

André Telles



Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Au rendez-vous des Terre-Neuvas

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Luciana Baraldi
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.
Inferno a bordo / Georges Simenon ; tradução André Telles
– 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Titulo original: Au rendez-vous des Terre-Neuvas.
ISBN 978-85-359-2493-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa)
2. Romance francês I. Título.

14-08601 CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. O comedor de vidro 7
2. Os sapatos amarelos 19
3. O retrato sem cabeça 30
4. Sob o signo da ira 43
5. Adèle e seu companheiro 54
6. Os três inocentes 68
7. Em família 79
8. O marujo bêbado 91
9. Dois homens no convés 102
10. Os acontecimentos do terceiro dia 115
11. A partida do *Océan* 130

1. O comedor de vidro

... que é o melhor rapazinho da região, e sua mãe, que só tem a ele, é capaz de morrer por conta disso. Como todos aqui, tenho certeza de sua inocência. Mas os marujos com quem conversei afirmam que ele será condenado, pois os tribunais civis não entendem nada das coisas do mar.

Faça o que puder, como se fosse por mim. Soube pelos jornais que agora você ocupa um alto posto na Polícia Judiciária e...

Era uma manhã de junho. A sra. Maigret, no apartamento do Boulevard Richard-Lenoir, cujas janelas estavam todas fechadas, terminava de arrumar grandes malas de vime e Maigret, com o colarinho aberto, lia à meia-voz.

– De quem é?

– Jorissen... Estudamos juntos na escola. Ele se tornou professor primário em Quimper... Então, faz muita questão de passar nossa semana de férias na Alsácia?

Ela olhou para ele sem compreender, tão inusitada era a pergunta. Fazia vinte anos que passavam aqueles feriados na casa de parentes, no mesmo vilarejo do Leste.

— E se fôssemos para o litoral, para variar?
Releu em voz baixa alguns trechos da carta:

... você está em melhor posição que eu para obter informações precisas. Resumindo, Pierre Le Clinche, um rapaz de vinte anos que foi meu aluno, embarcou há três meses no Océan, vapor de Fécamp que pesca bacalhau na Terra Nova. O navio regressou ao porto anteontem. Poucas horas depois, o corpo do capitão era descoberto no ancoradouro e todos os indícios sugerem um crime. Ora, foi Pierre Le Clinche que prenderam...

— Afinal, Fécamp é um lugar tão bom como outro qualquer para descansar! — suspirou Maigret, sem entusiasmo.

Houve resistência. Lá na Alsácia, a sra. Maigret estava em família, ajudava a preparar compotas e licor de ameixa. A ideia de hospedar-se num hotel à beira-mar, na companhia de outros parisienses, a assustava.

— O que eu faria o dia inteiro?

Terminou levando trabalhos de costura e crochê.

— Por favor, não me convide para um mergulho! Melhor avisar desde já...

Às cinco horas, chegavam ao Hôtel de la Plage, onde a sra. Maigret começou imediatamente a arrumar o quarto ao seu gosto. Em seguida, jantaram.

E agora Maigret, sozinho, empurrava a porta de vidro fosco de uma taberna do porto: a Rendez-Vous des Terre-Neuvas.

Bem defronte, no cais, perto de uma fila de vagões, estava atracado o vapor *Océan*. Lâmpadas de acetileno pendiam dos cordames e indivíduos se agitavam na claridade, descarregando o bacalhau, que passava de mão em mão e, depois de pesado, era acondicionado nos vagões.

Eram dez, homens e mulheres, sujos, esfarrapados, saturados de sal, na labuta. E, diante da balança, um rapaz todo limpinho, chapéu de palha caído sobre a orelha e caderneta na mão, anotava os pesos.

Um cheiro rançoso, enjoativo, que não abrandava à distância e o calor adensava ainda mais, se infiltrava no bar.

Maigret sentou-se num banco, numa ponta livre. Entrara no meio de um alvoroco. Havia homens em pé, outros sentados, copos sobre o mármore das mesas. Somente marujos.

– O que vai ser?

– Um chope.

O taberneiro apareceu atrás da garçonete.

– Sabia que tenho outra sala ao lado, para turistas? Aqui, *eles* fazem muito barulho!

Uma piscadela.

– Depois de três meses no mar, é compreensível...

– É a tripulação do *Océan*?

– A maioria. Os outros barcos ainda não retornaram. Não ligue... Tem gente que está bebendo há três dias. Vai ficar na cidade? É pintor, aposto! De vez em quando aparecem alguns, fazem esboços. Veja! Teve um que fez o meu retrato, ali, em cima do balcão.

Mas o comissário dava tão pouca atenção ao falatório que o homem, desconcertado, se afastou.

– Uma moeda de dez centavos de bronze! Quem tem uma moeda de dez centavos de bronze? – gritava um marujo com físico igual ao de um rapazola de dezesseis anos.

Tinha uma cabeça de velho, feições irregulares. Desdentado. A ebriedade fazia seus olhos fiscarem e uma barba de três dias lhe tomava as faces.

Deram-lhe uma moeda. Depois de entortá-la com a força dos dedos, ele a colocou entre os dentes e partiu ao meio.

– De quem é a vez?

Ele se exibia. Sentia-se o centro da atenção geral, era capaz de qualquer coisa para assim permanecer.

Como um mecânico corpulento pegava uma moeda, ele interveio:

— Espere! Também podemos variar...

Pegou um copo vazio, mordeu-o ferozmente e mastigou o vidro, imitando a satisfação de um gourmet.

— Ha! Ha! Comigo ninguém pode... Despeje bebida, Léon!

Lançava à sua volta olhares cabotinos, que se detiveram em Maigret. Então suas sobrancelhas franziram.

Por um instante pareceu desamparado. Em seguida, avançou e teve que se apoiar numa mesa, de tal forma estava bêbado.

— É por minha causa? — indagou, desafiador.

— Devagar, P'tit Louis!

— De novo aquele golpe da carteira? Ei, vocês aí! Não queriam acreditar em mim agorinha mesmo, quando eu contava minhas histórias da Rue de Lappe. Pois bem, aqui está um policial do alto escalão, que revolve céus e terras pelo queridinho aqui. Permita que eu beba mais um trago?

Agora todos olhavam para Maigret.

— Sente-se, P'tit Louis! Não banque o idiota!

E o outro debochava:

— Paga um *glass*? Não! Não é possível! Deem licença, hein, colegas? O senhor comissário me paga uma birita? Aguardente, Léon!

— Você estava a bordo do *Océan*?

Mudança flagrante. Parecendo expulsar o pileque, P'tit Louis fechou a cara. Desconfiado, recuou um pouco no banco.

— E daí?

— Nada... À sua saúde. Está bêbado há muito tempo?

— Faz três dias que estamos enchendo a cara. Desde que desembarcamos, caramba! Entreguei o meu dinheiro para o Léon.

Novecentos francos. Enquanto tiver algum! Quanto sobrou, Léon, seu canalha?

– Com certeza não o bastante para pagar seu consumo até de madrugada! Restam cinquenta francos. Veja que tristeza, senhor comissário! Amanhã ele estará sem um tostão furado e será obrigado a embarcar num barco qualquer, como carvoeiro. E é sempre assim! Note que não o incentivo a consumir! Ao contrário!

– Cale a boca!

Os outros haviam perdido o entusiasmo. Falavam baixo, voltando-se o tempo todo para a mesa do comissário.

– São todos do *Océan*?

– Menos o gordo de boné, que é imediato, e o ruivo, que é carpinteiro marítimo.

– Conte-me o que aconteceu.

– Não tenho nada a dizer.

– Abra o olho, P’tit Louis! Não se esqueça do golpe da carteira, quando você bancava o comedor de vidro na Bastilha.

– Isso vai me render no máximo três meses e estou mesmo precisando descansar. Querendo, podemos ir agora mesmo.

– Você trabalhava nas máquinas?

– Naturalmente! Como sempre! Era o segundo caldeireiro!

– Via muito o capitão?

– Talvez duas vezes no máximo!

– E o telegrafista?

– Não sei.

– Léon! Encha os copos.

P’tit Louis deu uma risada desdenhosa.

– Eu poderia estar caindo pelas tabelas que nem assim lhe diria o que me apetece. Mas, já que está aqui, poderia oferecer uma rodada aos colegas. Depois dessa maldita pescaria!

Um marujo, que não tinha nem vinte anos, se aproximou

discretamente e puxou P'tit Louis pela manga. Os dois passaram a falar bretão.

- O que ele disse?
- Que é hora de eu ir pra cama...
- É seu amigo?

P'tit Louis encolheu os ombros e, como o outro queria pegar o seu copo, engoliu-o de um trago, desafiador.

O bretão tinha sobrancelhas grossas, cabelos crespos.

- Sente-se conosco – convidou Maigret.

O marujo, no entanto, sem responder, foi sentar-se a outra mesa, sem tirar o peso de seu olhar de cima dos dois homens.

A atmosfera estava pesada, salobra. Ouviam-se turistas jogando dominó na sala ao lado, mais clara e limpa.

– Muito bacalhau? – indagou Maigret, que seguia sua ideia com a implacabilidade de uma furadeira elétrica.

- Uma porcariada! Metade chegou podre...
- Por que motivo?
- Sal de menos... Ou de mais! Uma porcariada! Nem sequer um terço dos homens reembbarcará semana que vem.
- O *Océan* vai partir de novo?
- Ora bolas! Para que ter máquinas? Os veleiros fazem apenas uma expedição, de fevereiro a setembro. Já os vapores têm tempo de ir duas vezes até o cardume.

– Vai voltar?

P'tit Louis cuspiu no chão e encolheu os ombros, cansado.

- Eu queria tanto ir a Fresne... Uma porcariada!

– O capitão?

– Nada a declarar!

Acendera uma ponta de cigarro jogada no chão. Sentiu náuseas, correu para a rua, onde o viram vomitar, em pé no meio-fio, e onde o bretão se juntou a ele.

– É ou não é um coitado? – suspirava o taberneiro. – Anteontem tinha quase mil francos no bolso! Hoje, por muito

pouco não fica me devendo! Ostras e lagosta! Sem falar que paga bebida para todo mundo, como se não soubesse o que fazer com o dinheiro.

– Conhece o telegrafista do *Océan*?

– Ele pernoitava aqui. Veja! Fazia as refeições nessa mesa, depois ia escrever na outra sala, para ficar mais tranquilo.

– Escrever para quem?

– Não eram só cartas. Alguma coisa tipo poesia ou romances. Um rapaz instruído, bem-educado. Agora que sei que o senhor é da polícia, posso lhe dizer com todas as letras que cometaram um erro ao...

– De um jeito ou de outro, o capitão foi morto!

Um muxoxo. O taberneiro sentou-se diante de Maigret. P’tit Louis, que entrava novamente, dirigiu-se ao balcão e pediu uma bebida. E seu companheiro, em dialeto bretão, continuava a lhe recomendar calma.

– Não se fie muito nisso. Em terra firme, eles são assim, bebem, gritam, brigam, quebram vidraças... A bordo, trabalham feito mouros! Por incrível que pareça! Até mesmo P’tit Louis! Ainda ontem o chefe das máquinas do *Océan* me dizia que ele trabalha por dois. Uma placa isolante rachou em alto-mar. Era perigoso consertar. Ninguém queria ir até lá. Foi P’tit Louis que se apresentou... Desde que não bebam.

Léon baixou o tom, olhando os fregueses com desconfiança.

– Dessa vez, acho que eles têm outros motivos para se afogar na bebida. Ao senhor, não dirão nada! Porque o senhor não é do mar... Eu entendo o que eles falam. Fui imediato. Há coisas...

– Coisas?

– Diffícil explicar... Veja bem, em Fécamp não há pescadores suficientes para todas as embarcações. Eles vêm da Bretanha. São sujeitos com ideias esquisitas, supersticiosos.

Falou ainda mais baixo, numa voz quase inaudível.

– Parece que dessa vez era um tal de mau-olhado. Começou

no porto mesmo, na partida. Um marujo que tinha subido no mastro de carga para acenar para a mulher. O cabo que ele seguia rompeu e ei-lo no convés com uma perna estropiada! Teve de ser reconduzido a terra, num bote. E um grumete que não queria partir chorava, berrava! Bem, três dias depois telegrafaram para avisar que tinha sido engolido por uma onda! Um moleque de quinze anos! Um lourinho magricela, com um nome quase de moça: Jean-Marie. No mais... Sirva-nos dois calvados, Julie... A garrafa da direita... Não! Essa não... A com uma rolha de vidro...

— O mau-olhado persistiu?

— Não sei nada de muito preciso. É como se todos tivessem medo de falar. Em todo caso, se prenderam o telegrafista, foi porque a polícia ouviu dizer que ele e o capitão não trocaram uma palavra ao longo de toda a expedição. Pareciam gato e rato!

— E o que mais?

— Coisas... Coisas que não fazem o menor sentido... Por exemplo, o capitão, que os fez arrastar o vapor para uma zona onde nunca ninguém pegou um bacalhau! E que se exasperava porque o chefe dos pescadores se recusava a obedecer! Chegou a sacar o revólver. Eles estavam como que endemoniados, carumba! Um mês depois, não tinham conseguido sequer uma tonelada de peixe. Então, de repente, a pescaria melhorou. Ainda assim, tiveram de vender o bacalhau pela metade do preço, pois estava malconservado. Se fosse só isso! Até a entrada no porto, com duas manobras equivocadas e um bote que foi a pique. Como se houvesse uma maldição! O capitão mandando todo mundo desembarcar, sem deixar vigilantes, permanecendo sozinho a bordo, à noite...

“Deviam ser nove horas. Estavam todos aqui, enchendo a cara. O telegrafista subiu ao seu quarto. Depois saiu. Vimos que ele se encaminhou na direção do vapor.

“Foi então que aconteceu. Um pescador que se preparava

para partir, na parte baixa do porto, ouviu o barulho de alguma coisa caindo na água.

“Acorreu, junto com um aduaneiro a quem encontrara no caminho. Acenderam lanternas. Havia um corpo no ancoradouro, enroscado na corrente da âncora do *Océan*.

“O capitão! Foi retirado morto! Tentaram respiração artificial. Ninguém entendeu, pois ele não ficara na água nem dez minutos.

“Foi o médico que explicou: parece que o haviam estrangulado, *antes...* Percebe? E encontraram o telegrafista em sua cabine, que fica atrás da chaminé. Dá para ver daqui.

“Os policiais estiveram aqui revistando seu quarto e descobriram papéis queimados.

“O que mais deseja saber? Dois calvados, Julie! À sua saúde!”

P’tit Louis, cada vez mais excitado, pegara uma cadeira entre os dentes e, no meio da roda de marujos, erguia-a horizontalmente, desafiando Maigret com o olhar.

– O capitão era daqui? – indagou o comissário.

– Sim! Sujeito curioso! Franzino como P’tit Louis! E sempre educado, sempre gentil! E vestia-se com apuro! Acho que nunca foi visto no bar. Não era casado. Frequentava então a casa de uma viúva, mulher de um funcionário da alfândega, à Rue d’Étretat. Diziam até que o negócio terminaria em casamento. Fazia quinze anos que ele atuava na Terra Nova. Sempre para a mesma empresa: O Bacalhau Francês. Capitão Fallut, para chamá-lo pelo nome. Agora eles estão embatucados, sem saber como liberar o *Océan* para zarpar. Sem capitão! E metade da tripulação se nega a embarcar!

– Por quê?

– Não deve procurar entender! Mau-olhado, repito. Estão pensando em encostar o barco até o ano que vem. Sem falar que a polícia pediu à marujada para ficar à disposição.

– O telegrafista está preso?

— Sim! Foi levado na mesma noite, algemado e tudo o mais. Eu estava na porta. Prefiro lhe dizer a verdade: minha mulher chorou. E até eu... E olhe que não era um hóspede do outro mundo. Eu lhe fazia um precinho camarada. Quase não bebia.

Foram interrompidos por um rumor repentino. P'tit Louis investia contra o bretão, sem dúvida porque este insistia que ele parasse de beber. Ambos rolavam no chão. Os demais se afastavam.

Foi Maigret quem os separou, içando-os literalmente do chão, um em cada mão.

— Então? Querem se matar?

O incidente foi breve. Com as mãos livres, o bretão puxou uma faca do bolso, mas o comissário percebeu justo a tempo de atirá-lo a metros de distância com um pontapé.

O sapato atingiu o queixo, que sangrou. E foi P'tit Louis quem acudiu o companheiro, sempre ambíguo, sempre bêbado, e que se pôs a chorar, pedindo desculpas.

Léon, com o relógio na mão, aproximou-se de Maigret.

— Hora de fechar! Senão os agentes vão implicar. Todas as noites é o mesmo filme. Impossível expulsá-los!

— Eles dormem a bordo do *Océan*?

— Sim. Isso quando não terminam na sarjeta, como aconteceu ontem com dois deles. Encontrei-os hoje de manhã, abrindo as comportas.

A garçonete recolhia os copos das mesas. Os homens saíam em grupos de três ou quatro. Apenas P'tit Louis e o bretão não se mexiam.

— Quer um quarto? — Léon perguntou a Maigret.

— Obrigado! Estou no Hôtel de la Plage!

— Quer dizer que...

— O quê?

— Longe de mim querer dar conselhos. Isso não é da minha conta. Só que gostávamos do telegrafista. Talvez não fosse má

ideia *chercher la femme*, como dizem nos romances. Ouvi sus-surrearem umas coisas nesse sentido.

– Pierre Le Clinche tinha uma namorada?

– Ele? Oh, não... Era noivo na sua cidade e mandava diariamente uma carta de seis páginas para lá.

– Então, quem?

– Não faço ideia. Talvez seja mais complicado do que se pensa. Depois...

– Depois?

– Nada! Seja bonzinho, P'tit Louis! Vá dormir.

Mas P'tit Louis estava num estado de embriaguez muito avançado. Choramava. Abraçava o colega, cujo queixo continuava a sangrar, e lhe pedia desculpas.

Maigret saiu, as mãos nos bolsos e a gola erguida, pois o ar estava frio.

No hall de entrada do Hôtel de la Plage, percebeu uma moça, sentada numa cadeira de vime. Um homem se levantou de outra cadeira e, com uma sombra de constrangimento, sorriu.

Era Jorissen, o professor primário de Quimper. Fazia quinze anos que Maigret não o via e o outro hesitou quanto ao tratamento a lhe dar.

– Sinto muito... sinto muito... Eu... Acabamos de chegar, a srta. Léonnec e eu... Procurei nos hotéis... Me disseram que o senhor... que você voltaria... É a noiva de... de Pierre Le Clinche... Ela quis porque quis...

Uma moça alta, um pouco pálida, um pouco tímida. Entretanto, quando Maigret apertou-lhe a mão, compreendeu que, sob aquela aparência de caipira de gosto duvidoso, fervia uma vontade.

Ela não falava. Estava impressionada. Tal como Jorissen, que se tornara simples professor primário e encontrava o ex-colega num dos postos mais graduados da Polícia Judiciária.

– Ainda há pouco me apontaram a sra. Maigret no salão. Não me atrevi...

Maigret observava a jovem, que não era bonita nem feia, mas cuja simplicidade de fato comovia.

– O senhor sabe que ele é inocente, não é? – ela terminou por articular, sem olhar para ninguém.

O porteiro esperava o momento de voltar a cochilar. Já desabotoara o paletó.

– Veremos isso amanhã... Pegou um quarto?

– O quarto contíguo ao do senh... ao seu! – gaguejou, confuso, o professorzinho de Quimper. – E a srta. Léonnec está no andar acima. Mas vou embora amanhã, por causa das provas. Acha que...?

– Veremos, amanhã! – repetiu Maigret.

E, enquanto ele se deitava, sua mulher murmurou, cabeceando:

– Não se esqueça de apagar a luz!